

## EDUCAR PARA O VIVER E O MORRER

Ivete Iara Gois de Moraes<sup>1</sup>

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Indiara de Gois de Oliveira<sup>2</sup>

(Universidade de Passo Fundo)

**Resumo:** A ausência dos temas pertinentes à morte nos meios educacionais deve-se em grande parte, a termos nos afastado da morte, em virtude de uma sociedade que cultiva a onipotência curativa, a manutenção da vida a qualquer preço e de qualquer forma. Transformamo-nos em uma sociedade que fecha os olhos e silencia diante do Suicídio e da Eutanásia, os quais existem de forma marginalizada, de forma negligenciada, de forma renegada às margens das discussões acadêmicas e sociais. Ver o ser humano como um todo é reunir o físico, o biológico, o psicoemocional, o espiritual, em toda a sua complexidade, e assim produzir conhecimentos que partam de uma base multidisciplinar. É compreender que, quando não há explicação, quando não há palavras para descrever, é aí que se encontra o “humano” do ser, e é nesse âmbito que encontramos o tema da morte que deve ser abordado no ambiente educacional. Isto não implica em haver “doutores em tanatologia” nas escolas, mas apenas em compreender que, de forma multidisciplinar, de forma crítica e reflexiva, qualquer pessoa com maturidade e formação educativa está apta a dialogar sobre esta temática.

**Palavras-Chave:** Morte; Educação; Interdisciplinaridade.

## EDUCATE FOR THE LIVING AND THE DYING

**Abstract:** The absence of the pertinent subjects to the death in the educational ways must to a large extent, the terms in the moved away one from the death, virtue of a society that cultivates the curative omnipotence, the maintenance of the life whatever the cost and of any form. We changed ourselves into a society that closes the eyes and silences ahead of the Suicide and the Euthanasia, which exist of kept out of society form, neglected form, renegade form to the edges of the academic and social quarrels. To see human being as a whole, is to congregate physicist, biological, psycho-emotional, spiritual, in all complexity, and thus to produce knowledge that leaves of a multidisciplinary base. Is to understand that, when does not have explanation, when it does not have words to describe, is there that the “human” of the being meets, and is in this scope that we find the subject of the death that must be boarded in the educational environment. This does not imply in having “doctors in thanatology” in the schools, but only in understanding that of form multidisciplinary, of critical and reflexive form, any person with maturity and educative formation is apt to dialogue on this thematic one.

**Keywords:** Death; Education; Interdisciplinary.

---

<sup>1</sup> Especialista em Emergência pelo Instituto São Camilo Sul. Aluna do Curso de Mestrado em Geografia com Ênfase em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: iigm@bol.com.br.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Direito pela Universidade de Passo Fundo/RS. E-mail: indigois@bol.com.br.

A maior afronta à maneira com que vivemos se traduz pela intensidade com que confrontamos a constância da morte diante da própria vida. Contudo, nenhuma circunstância é tão dialética quanto à complexa existência da possibilidade de morrer, sob todas as formas possíveis. Em se tratando dos extremos entre morte e vida, cumpre citar Morin (2003, p. 299), na definição de que “o nó da complexidade biológica é o nó górdio entre destruição interna permanente e autopoiese, entre o vital e o mortal.”

Morremos diante das opções que deixamos de lado, morremos diante do que deixamos de vivenciar e morremos a cada segundo, quando deixamos de assinalar ao mundo a singularidade de nossa própria existência... Morremos subjetivamente e inconscientemente diante dos conflitos constantes entre “Eros e Tânatos”, entre as diferenças de mundo e social, de individualidade e de coletividade, morremos e vivemos a cada segundo vivido.

A possibilidade da morte significa estarmos vivos, marcamos nosso compasso com a morte desde o instante de nosso nascimento, pois, a morte e a vida se completam e se entrelaçam se encontram na mesma fórmula, são pólos distintos da mesma razão e são interrogações cujas respostas se complementam. Para Foucault, (2006, p.323), a busca de si próprio é um fato que exige um encontro, e, por isso, determina um percurso, que parece ser solitário, pois “só se pode chegar a si percorrendo o grande ciclo do mundo”. De modo que, quando buscamos o sentido da vida, estamos fadados a encontrar tudo e todos; porém, o ponto de partida e o ponto de chegada seremos nós mesmos. Desse modo, encontrar o sentido da vida é uma busca constante ligada à morte, pois vivemos com a incerteza da vida e a certeza de que um dia morreremos.

A intensidade com que vivemos deveria constituir uma compreensão de que a morte é um processo natural, mas negligenciamos a nós mesmos quando negamos a morte, não compreendemos que “vida e morte formam um casal intenso de lutadores/amantes, esvaziando-se até o esgotamento do seu enlace” (MORIN, 2005, p. 441). Essa relação é indissociável e deveria ser encarada com naturalidade se fôssemos educados para a morte, se pudéssemos aprender na própria escola a dialogar sobre questões de vida e morte, de maneira simples, natural, com a mesma importância que se aprende a escrever e a ler, a desenvolver o raciocínio lógico, entre outros processos educativos; deveríamos ter espaços para assimilar os processos da morte. A morte deveria fazer parte das discussões familiares, sociais, acadêmicas, mas, principalmente escolares. A cultura acerca da vida deveria englobar uma cultura de morte, uma cultura que conscientizasse sobre todos os processos da morte, no contexto educacional.

Contudo, isto não implica em haver “doutores em tanatologia” nas escolas, ligados ao processo escolar. A proposta seria apenas de que se compreendesse que, de forma interdisciplinar, de forma crítica e reflexiva, qualquer pessoa com maturidade e formação educativa pode estar apta a dialogar sobre esta temática, a “educar para a morte”. Não são necessários títulos intermináveis e currículos invejáveis para que se compreenda o que conclui Edgar Morin, ao propor que “as condições de vida são as de morte” (MORIN, 2005, p. 439). Logo, quando colocamos em Educação as temáticas ligadas à vida, deveríamos abordar as conexões existentes entre a morte, de maneira didática e educativa. Porém, esta é uma temática de relevância multidisciplinar, devendo ser observada por vários prismas conjuntamente.

É significativo lembrar que o suicídio também se enquadra nas categorias de morte. E, apesar de ser uma realidade constante no meio escolar, a morte e o suicídio têm um espaço restrito ou inexistente nas discussões escolares, entretanto, qualquer um está sujeito ao suicídio em todas as suas formas de apresentação e representação (suicídio, tentativa de suicídio, eutanásia, morte violenta etc.). Em se tratando do ambiente escolar, é de se questionar: Quem nunca vivenciou, como educador, situações embaraçosas em sala de aula, com questões postas pelos alunos, tais como “Hoje morreu minha mãe, professora!”, “Professora, o que é eutanásia?”, “Professora, semana passada eu não vim na sua aula porque meu pai se matou!”. Mas, afinal, até quando iremos agir com naturalidade diante dessas questões? Algumas das posturas mais comuns são de silêncio, uma rápida oração com a classe ou apenas um comentário rápido sensibilizando-se com o drama vivido pelo aluno naquele momento.

É inegável a obrigação de questionar-se porque motivo não há uma conversa franca e educativa, sensível e de compaixão sobre a morte nesses momentos? Nessas horas, talvez conversar seja a única forma de solidarizar-se com o aluno, de compreender a situação e realizar uma proposta de “educar para a morte” de maneira pragmática. Mas, na maioria das vezes, não só diante do suicídio, mas da morte em todas as formas, o que se repete diante dessas situações, é uma postura que Hillman (1993, p. 33), detectou como um indício de que “a lei considera o suicídio um crime, a religião chama-o de pecado e a sociedade volta-lhe as costas”. A morte passou à marginalidade da vida, sendo renegada às discussões fragmentadas, mas que se tornam evidentes diariamente nos meios de comunicação, nos acontecimentos diários, tornando-se informações e perguntas que devem ser abordadas e respondidas sempre que possível, da melhor forma.

Historicamente, a explicação para a desculturação da morte pode também ser compreendida, sob o ponto de vista de Feijó (1998, p. 19), quando este define que, a partir da década de 1950, “triunfou a medicalização e as pessoas não mais morriam em suas casas”. Este fato é fundamental para compreendermos que a morte passou a ser uma inimiga, a qual não mais habitaria o recinto domiciliar, mas deveria permanecer distante, com a desculpa de ser “amparada” por quem de fato deve lidar com questões de saúde-doença, vida-morte: os médicos nos hospitais. A sociedade, a partir deste momento, perde o senso comum de acompanhar seus entes até o “túnel de passagem para a morte”, a cultura em torno da morte passa a sofrer uma transformação que repercute até a atualidade. É óbvio que há situações que exigem a hospitalização para amenizar o sofrimento e proporcionar uma morte digna, mas, onde fica a presença de conforto dos familiares e do aconchego domiciliar quando se está restrito a um ambiente estranho e solitário?

Talvez isso se traduza nas palavras da psiquiatra Kübler-Ross (1998), que conviveu sutil e placidamente com a morte, com a própria morte, de forma amigável e respeitosa, e encontrou explicações que somente se depara quem vivencia a presença da morte. Diante da própria morte, a autora optou por morrer no conforto de seu lar e no seio familiar. Para a autora, um fato importante diante da morte é o exercício empírico de colocar-se no lugar de outrem, mesmo que isso gere conflitos, pois este papel cabe a quem tem um significado de segurança familiar. Todavia, o maior obstáculo para nos aproximarmos de quem está diante da morte é o fato de que é impossível compreender a morte sem confrontar-nos com a própria finitude humana.

Colocarmo-nos como educadores diante da morte, e o que ela representa, exige uma preparação, um apego à própria vida, relações de crenças pessoais vistas com imparcialidade religiosa que devem ser medidas com equilíbrio e senso comum. Para que isso ocorra, é preciso ter a maturidade e preparação necessária para estas situações. Isso exige esclarecimentos, diálogos, conhecimentos, uma verdadeira educação que ensine sobre a morte em todos os aspectos da mesma maneira que estudamos tudo o que se relaciona à vida, pois a morte é um processo natural da vida. Em se tratando de aproximação e de oportunizar aos educadores um suporte para trabalharem com a morte, vale lembrar Edgar Morin:

O que faz com que se compreenda alguém que chora, por exemplo, não é analisar as lágrimas no microscópio, mas saber o significado da dor, da emoção. Por isso, é preciso compreender a compaixão, que significa sofrer junto. É isto que permite a verdadeira comunicação humana (MORIN, 2001, p. 8)

Ver o ser humano como um todo, de modo holístico, é reunir o físico, o biológico, o psicoemocional, o espiritual, em toda a sua complexidade, e assim produzir conhecimentos educativos que partam de uma base multidisciplinar. É compreender também que, quando não há explicação, quando não há palavras para descrever, é aí que se encontra o “humano” do ser. E é sob este enfoque de complexidade que pode haver uma aproximação entre educação e a morte, entre a morte e a vida. Compreenderemos assim os ensinamentos de Morin, através da sensibilidade com que o autor diz: “Penso que tudo deva estar integrado para permitir uma mudança de pensamento; para que se transforme a concepção fragmentada e dividida do mundo, que impede a visão total da realidade” (2001, p. 12).

Pelo exposto, chegamos à conclusão de que os temas ligados à morte devem estar presentes no ambiente educacional, podendo ser discutidos com toda intensidade e sentimentos contraditórios que o assunto desperta em todos os envolvidos. Compreendemos assim que não se constitui num direito somente da área da saúde desenvolver estas propostas no ambiente educativo, mas todos os educadores comprometidos com sua consciência docente e seguros de suas convicções poderão abordar esta temática. É urgente a necessidade dos educadores de “aprender a aprender” sobre a temática da morte em todos os aspectos, pois todos estão sujeitos a esta realidade (PIAGET, 1970, p. 19).

Em verdade, é de se acreditar, que, a ausência, em grande parte, da morte em todas as formas, nos meios educacionais, deve-se a termos nos afastado da morte, em virtude de uma sociedade que cultiva a onipotência curativa, a manutenção da vida a qualquer preço e de qualquer forma, bem como as maneiras superficiais de manter a insuperável jovialidade e cultura do corpo. Desta forma, nos transformamos em uma sociedade que apenas fecha os olhos e silencia diante da morte, do Suicídio e da Eutanásia, as quais existem de forma marginalizada, de forma negligenciada, de forma renegada às margens das discussões acadêmicas e sociais. Faz-se imperativo, introduzir no ambiente educativo os conteúdos e metodologias de abordagem dos temas propostos neste artigo, os quais devem ser inseridos em conjunto com as diferentes disciplinas e, apoiados em um suporte de material didático e paradidático, bem como um sustentáculo Institucional aos docentes.

Em síntese, é a partir de uma postura da educação interdisciplinar e multidisciplinar que se deve encarar o desafio de “educar para a morte”. Portanto, esta é uma proposta ousada por meio da qual o desafio está posto. Basta acreditarmos no nosso potencial como educadores e valorizarmos as nossas experiências de pesquisadores diante da temática complexa da morte (CASTROGIOVANNI; COSTELLA, 2006, p. 16).

## REFERÊNCIAS

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos C.; COSTELLA, Roselane Zordan. **Brincar e cartografar com os diferentes mundos geográficos**. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2006.

FEIJÓ, Marcelo. **Suicídio: entre a razão e a loucura**. São Paulo: Lemos, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HILLMAN, James. **Suicídio e alma**. Petrópolis: Vozes, 1993.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth M. D. **A roda da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

---. **Ciência com consciência**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

---. **O método**. (Vol. 3: o conhecimento do conhecimento). Porto Alegre: Sulina, 2005.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970.

Recebido em 03/07/2010.

Aprovado para publicação em 20/11/2010.